



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES (IdA)
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS

ANA PAULA NAIR SANTOS MENDES

**ENTRE OLHARES: O ensino das Artes Cênicas como uma
intervenção afeto-pedagógica e de desenvolvimento crítico-social.**

Brasília – DF
2021

ANA PAULA NAIR SANTOS MENDES

ENTRE OLHARES: O ensino das Artes Cênicas como uma intervenção afeto-pedagógica e de desenvolvimento crítico-social.

Monografia apresentada ao Instituto de Artes da Universidade de Brasília – UnB – como requisito parcial para a obtenção de título de Licenciatura em Artes Cênicas.

Orientadora: Prof. Fabiana Lazzari.

DEDICATÓRIA

A Nivaldo Magalhães dos Santos, por sempre acreditar em mim. Sei e sinto que onde quer que esteja, continua acreditando. E a Eurico Santos Lima, tio Toró, por você que ainda vive em minhas memórias e em memória a você deixarei registrado teu nome em minhas linhas.

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo a Deus pois essa é a força propulsora que me rege, me guarda, me guia e me mantém.

Em seguida, agradeço meu pai Moacir e minha mãe Elisângela por terem se esforçado ao máximo para que eu pudesse chegar até aqui. Acredito e reconheço que sem eles nada disso seria possível.

Gostaria de agradecer também aos meus irmãos Wanderson, Ana Karolina e Carla Cristina, pois eles foram fundamentais na minha trajetória de vida. Para além disso, estendo esse agradecimento aos meus familiares que de certa forma emanaram energias positivas para que eu pudesse continuar a minha trajetória.

Agradeço, de forma singela, à minha orientadora Fabiana Lazzari, por todo cuidado e dedicação. Nesse momento sinto a necessidade de agradecer também ao universo por me proporcionar esse encontro.

Agradeço também às professoras Ângela Café e Fabiana Marroni por contribuírem com o meu processo de formação. Em especial, gostaria de agradecer a professora Roberta Matsumoto por todas as falas que me impulsionaram para frente e a professora Jennifer Jacomini, por fazer parte de um momento histórico na minha história.

Agradeço a todos os meus amigos, meus confidentes e meus irmãos de almas, pelas palavras, pelos encontros e por cada momento. Gabriela Moura, Louyse Borges, Jiló Medeiros, Davi Lídia, Otávio Motter, e Diego Loiola, eu amo cada um de vocês.

Gostaria de agradecer também ao Gustavo meu parceiro de vida, por me mostrar que é importante ter alguém que acredite em você e que demonstre isso. Obrigada por ser tão companheiro.

Por fim, gostaria de agradecer à vida por ser bondosa comigo, às minhas escolhas por me levarem a caminhos melhores e a mim, por nunca ter desistido de mim mesma, nem mesmo quando eu quis. Obrigada!

RESUMO

Esta monografia possui como um dos seus objetivos, levantar questionamentos sobre a afetividade, o desenvolvimento crítico-social de sujeitos e o ensino das Artes Cênicas nas séries de ensino fundamental II em duas instituições de ensino em Brasília, apresentando definições a respeito do conceito de escola, educação e dos sujeitos. Além de trazer reflexões sobre como se deu o ensino das Artes Cênicas no período pandêmico. Através de uma pesquisa qualitativa com revisão bibliográfica e relatos de experiências, busca incentivar a construção de caminhos mais afetuosos para o ensino educacional, criando diálogos com pensadores como, Paulo Freire, Jorge Larrosa Bondía, Augusto Boal, Marilena Chauí, Fayga Ostrower, dentre outros, na intenção de contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa para todos.

Palavras-Chaves: Educação, Pandemia, Afeto, Artes, Ensino e Sujeitos.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	06
CAPÍTULO I: UM BREVE PERCURSO ENTRE, ESCOLA, EDUCAÇÃO E SUJEITOS.....	09
1.1. Da escola	09
1.2. Da educação.	13
1.3. Dos sujeitos culturais e políticos.....	16
CAPÍTULO II: DA CULTURA À CRIATIVIDADE: A ARTE.....	18
1. Cultura, Criatividade e a Arte	18
CAPÍTULO III: ARTES CÊNICAS: UMA INTERVENÇÃO ARTÍSTICA E AFETO-PEDAGÓGICA NO AMBIENTE ESCOLAR	26
3.1 Apartheid Digital.....	26
3.2 A arte imita a vida ou a vida imita a arte?.	30
3.3 A arte salva?.	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFÊRENCIAS.....	41
APÊNDICE A – TRABALHO DA DISCIPLINA METODOLOGIA ENSINO DO TEATRO 1 (SLAM)	44

LISTA DE SIGLAS

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

RP - Residência Pedagógica UnB – Universidade de Brasília

INTRODUÇÃO

Existe um provérbio africano que diz: “cuida-te para que não te separe de ti mesmo. É melhor que o mundo fique separado de ti do que tu separado de ti mesmo”. Ao ouvir esse dizer entendi que mesmo que não restasse ninguém ao meu lado, ainda restaria a mim. E esta presença era muito mais importante do que qualquer outra.

Desde o início da minha história, construí as minhas próprias possibilidades, os meus próprios caminhos. E essas possibilidades só foram criadas a partir da força motora que existia em mim. Foram os meus sonhos, os meus desejos, as minhas vontades, a minha coragem e o meu modo de ver as coisas que me fizeram chegar até aqui.

Durante meu trajeto no curso de licenciatura em Artes Cênicas, vi-me bastante intrigada pelas questões que envolviam o percurso pelo qual o afeto percorria. Em toda a minha vida, desejei ver as coisas com um olhar mais afetivo e obviamente, queria que esse olhar se estendesse ao meu olhar acadêmico, então, procurei entender como que esse olhar “humanizado” poderia pertencer ao ambiente escolar, uma vez que havia escolhido este espaço como o meu futuro ambiente de trabalho.

Foi através dessa vontade que busquei entender como era possível o ensino das Artes Cênicas como uma intervenção afeto-pedagógica e de desenvolvimento crítico-social. Visto que sentia a necessidade de trabalhar a afetividade através da arte, para quem sabe assim, poder auxiliar no desenvolvimento de sujeitos mais “humanos”.

Sentindo a necessidade de falar sobre os afetos no ambiente educacional e não achando termologias que conseguissem conceituar aquilo que pensava sobre esse assunto, desenvolvi o termo **afeto-pedagógico** com o intuito de conseguir sanar as questões que eu mesma criava ao pensar sobre esse assunto.

Esta pesquisa é constituída por três capítulos. No capítulo um, faço um breve percurso acerca da ideia que tenho sobre educação, escola e sujeitos. Entendo que essas são partes fundamentais para a compreensão dessa pesquisa. Nesse caminho, faço questionamentos sobre o papel da escola e da educação na vida dos sujeitos.

No capítulo dois, tento entender como a arte é criada levando em consideração dois eixos - o cultural e o criativo, propondo reflexões sobre a necessidade de nos identificarmos como sujeitos culturais e criativos, com o intuito de perceber que a partir

desse conhecimento poderemos concluir que somos todos seres artistas e que é por meio dessa artiscidade¹ que somos capazes de criar e recriar.

O capítulo três apresenta a minha experiência no exercício da docência em Artes Cênicas, em instituições de ensino público e privado, durante a pandemia do COVID-19. Ele também apresenta os meus anseios, minhas dores e meus desejos enquanto Arte-Educadora. Para além disso, esse capítulo busca apontar justificativas para afirmar o meu entendimento das Artes Cênicas como uma disciplina **afeto-pedagógica**.

No decorrer dessa pesquisa ficará evidente que ela foi escrita através do meu anseio em pensar sobre maneiras de se ter um olhar mais afetuoso no exercício da docência, com o intuito de formar cidadãos sociais mais afetuosos, pois foi a busca por respostas a esse anseio que o meu **eu** se juntou a **mim**, quando **me vi** perdida de **mim mesma**.

Viver é partir, voltar e repartir.

– Emicida

¹ Capacidade de ser artista

I. UM BREVE PERCURSO ENTRE, ESCOLA, EDUCAÇÃO E SUJEITOS

“O mais importante e bonito é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam, verdades maiores.”

*Guimarães Rosa, 1956
(Grande Sertão Veredas)*

Neste capítulo apresento, por meio de um diálogo entre diferentes pensadores como podemos enxergar a escola, a educação e os sujeitos sociais, entendendo que nenhuma das definições usadas neste trabalho são definições absolutas, mas sim, outras maneiras de ver esses temas.

1.1 Da Escola

Por muito tempo me questionei sobre o que seria escola e para que a escola servia. Inicialmente estes questionamentos não passavam de mera curiosidade de criança, que ainda não entendia o real motivo de ter que ir à escola. Ao longo dos anos fui entendendo um pouco sobre a importância de estar na escola, mas ainda me questionava sobre o porquê de se ter uma escola. Eram muitos os questionamentos e mesmo passando boa parte da minha vida no ambiente escolar, essas experiências não foram suficientes para sanar as questões.

No decorrer da minha vida acadêmica, vi-me cada vez mais interessada em assuntos que envolviam os temas educação e escola. Através desses interesses levantei ainda mais indagações sobre as temáticas. Questionamentos sobre “qual a função social da escola?”, “escola para quem e para quem?” e “como deveria ser uma escola ideal?” são questões que ainda vem me intrigando, antes pelo fato de ser aluna, agora pelo fato de ser uma futura educadora.

Escola vem do grego *scholé*, que significa "ócio", o mesmo que tempo livre e lazer. A escola surgiu na Grécia Antiga e tinha como objetivo a formação integral de homens, ou seja, a função da escola era educar homens para desenvolver seu pensamento político e religioso e principalmente a ética, “os filósofos gregos foram os primeiros a

pensar no conceito de ética, associando tal palavra a ideia de moral e cidadania” (EGG,2009.p.5).

Já em Roma, a escola era para desenvolver a capacidade crítica, com base em ensinamentos sobre filosofia, política e artes. No início da escola, apenas homens poderiam usufruir desse espaço, no qual, na maioria das vezes, se tratava de reuniões no “tempo livre” que esses sujeitos possuíam. Desde os tempos remotos, podemos perceber que a escola carregava consigo a função de contribuir para desenvolver o pensamento crítico daqueles que passavam por ela. Atualmente, existem muitas escolas, dos mais variáveis tipos possíveis, onde as mais variáveis pessoas fazem parte, mas afinal, para que serve a escola?

Pensar escola é pensar em todos os campos que a compõem, pois não existe escola sem alunos, sem professores, sem comunidade e tão pouco sem educação, ou pelo menos, não deveria existir. Escola é mais que apenas um espaço limitado por muros, é um espaço visível ou não que permite antes de tudo, que o aluno, alicerce fundamental da escola, seja desenvolvedor do seu próprio espaço escolar:

“Apreender a escola como construção social implica, assim, compreendê-la no seu fazer cotidiano, onde os sujeitos não são apenas agentes passivos diante da estrutura. Ao contrário, trata-se de uma relação em contínua construção, de conflitos e negociações em função de circunstâncias determinadas”. (DAYRELL,1996.p. 137)

E esse espaço além de propiciar uma educação igualitária, transformadora, libertadora e de qualidade para todos, deve ter como principal objetivo o desenvolvimento do ser cidadão. Juarez Tarcisio Dayrell, professor da faculdade de Educação da UFMG, ressalta em seu livro *Múltiplos Olhares Sobre Educação e Cultura*, que a educação desempenha um papel fundamental na formação do cidadão e de uma sociedade melhor:

Que o domínio moral situa-se na ordem da razão, da qual a educação é o instrumento, na sociedade democrática. Quando essa ordem de valores éticos é rompida ou não é transmitida às novas gerações, instala-se a violência, tornando inviável a vida social, política e cultural. (DAYRELL, 1996.p.145)

Se a educação tem papel fundamental na formação dos sujeitos, a escola exerce um papel equivalente ao dela, uma vez que esse espaço promove a socialização de sujeitos com diferentes culturas, permitindo que essas pluralidades se potencializem mesmo que de uma maneira singela:

A escolarização desempenha, portanto, um papel fundamental na constituição do indivíduo que vive em uma sociedade letrada e complexa como a nossa. Sendo assim, a exclusão, o fracasso e o abandono da escola por parte dos alunos são fatores de extrema gravidade. O fato do indivíduo não ter acesso à escola significa um impedimento da apropriação do saber sistematizado, de instrumentos de atuação no meio social e de condições para construção de novos conhecimentos. (OLIVEIRA,2002. p.48)

Sendo assim, podemos entender que a escola é um local propício ao desenvolvimento das educações, já que diferentes indivíduos se reúnem nesse espaço para compartilharem múltiplos saberes.

Na teoria, a ideia de que a escola é um espaço sócio-cultural que compreende o sujeito como ser concreto e auxilia no desenvolvimento do mesmo, visando formar indivíduos capazes de contribuir para o desenvolvimento do meio em que ele está inserido, muitas vezes não passa de uma percepção utópica. Na prática, a maioria das escolas não se propõem em auxiliar ou até mesmo compreender o aluno como indivíduo social criativo, inovador e portador de uma historicidade.

As escolas atuais, em sua maioria, costumam propor o mesmo processo de ensino-aprendizagem para indivíduos com experiências sócio-culturais diferentes, o que acaba limitando o potencial criativo e a capacidade desses alunos de adquirirem e compartilharem seus múltiplos saberes, visto que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE,1996.p.13). Essas escolas tendem a trabalhar com base na teoria da reprodução:

A escola é vista como uma instituição única, com os mesmos sentidos e objetivos, tendo como função garantir a todos o acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente acumulados pela sociedade. Tais conhecimentos, porém, são reduzidos a produtos, resultados e conclusões, sem se levar em conta o valor determinante dos processos. (DAYRELL,1996.p.139)

Outras tendem a trabalhar com a educação bancária, onde se acredita na transferência do conhecimento e o processo pelo qual o aluno passa para chegar em algum conhecimento novo é desprezado. “O conhecimento escolar se torna "objeto", "coisa" a ser transmitida. Ensinar se torna transmitir esse conhecimento acumulado e aprender se torna assimilá-lo” - (DAYRELL,1996.p.139) - O que acaba divergindo da função que a escola deveria exercer.

Observando a forma arquitetônica das escolas, podemos perceber que as limitações não ocorrem apenas nos processos de ensino-aprendizagem, mas essas

limitações se estendem aos muros, grades, cadeiras alinhadas e principalmente às regras de boa convivência criadas muitas vezes sem consulta à comunidade escolar, regras determinadas por autoridades e acatadas por alunos, o que dificulta para que os estudantes dessas escolas se manifestem e exerçam seu senso-crítico. A escola passa a ser “um mundo dentro do mundo” onde se vive de maneira diferente da realidade, seu funcionamento acontece de forma oposta ao funcionamento das vidas reais:

Um primeiro aspecto, que chama atenção, é o seu isolamento do exterior. Os muros demarcam claramente a passagem entre duas realidades: o mundo da rua e o mundo da escola, como que a tentar separar algo que insiste em se aproximar. A escola tenta se fechar do seu próprio mundo, com suas regras, ritmos e tempos. (DAYRELL,1996.p.147)

A escola deve antes de tudo ser um espaço de formação humana, “quem forma se forma e re-forma ao for-mar e quem é formado forma -se e forma ao ser formado” (FEIRE,1996.p.13). Um lugar onde diversos indivíduos sócios-culturais se complementam com suas diferenças, compondo assim, um espaço mais agradável e propício ao desenvolvimento do sujeito social. E para isso acontecer, a escola precisa aprender que não é possível desvincular o sujeito social da sociedade:

Os alunos chegam à escola marcados pela diversidade, reflexo dos desenvolvimentos cognitivo, afetivo e social, evidentemente desiguais, em virtude da quantidade e qualidade de suas experiências e relações sociais, prévias e paralelas à escola. O tratamento uniforme dado pela escola só vem consagrar a desigualdade e as injustiças das origens sociais dos alunos. (DAYRELL,1996.p.140)

A escola, além de um lugar de formação é um lugar onde as relações humanas são criadas. A escola é resultado da ação dos diferentes sujeitos que nela habita e que constituem ali suas relações, que perpassam as relações de ensino. São diferentes relações sociais que se juntam em um único ambiente e que se multiplicam à medida que a escola contribui para o desenvolvimento desses diferentes indivíduos. Moacir Gadotti, em seu livro *A escola e o Professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar*, diz que a escola é um lugar de transformação social e tem um papel crítico e criativo na vida do sujeito:

A escola é um espaço de relações. Neste sentido, cada escola é única, fruto de sua história particular, de seu projeto e de seus agentes. Como lugar de pessoas e de relações, é também um lugar de representações sociais. Como instituição social ela tem contribuído tanto para a manutenção quanto para a transformação social. Numa visão transformadora ela tem um papel essencialmente crítico e criativo. (GADOTTI,2007.p. 11)

A escola não é apenas um lugar de produção de conhecimento cognitivo, mas um espaço de interação social onde indivíduos múltiplos compartilham saberes e ao mesmo tempo que se desenvolvem, contribuem para que o outro se desenvolva também. A escola não é e não pode ser um espaço apenas de transmissão de conteúdo (disfarçado de conhecimento), pois ela carrega a responsabilidade de apresentar caminhos que possibilitam a formação completa do ser, onde suas aptidões sejam potencializadas e seu senso crítico seja desenvolvido.

1.2 Da Educação

Estive pensando sobre processos, esses pelos quais passamos a vida toda por eles. Ações contínuas que nos levam de um lugar ao outro, de um estado a outro, de um modo ao outro. Desses que em sua maioria enxergamos o início, mas mal percebemos o fim, se é que exista um.

Esses segmentos prolongados de diversas atividades, muitas vezes escolhidas pelo próprio curso da vida, das nossas vidas, e que sempre nos impulsionam para frente e sempre mais para frente. Esses processos que ao passarmos por eles nunca mais voltaremos a ser quem um dia fomos. Então, cheguei à conclusão de que o processo de aprendizagem é um dos melhores (se não o melhor) que existe em toda a história da vida, pois se constitui apenas pelo “não saber”, ou seja, para se aprender algo, é necessário apenas o “não saber” algo e isso é incrível.

Sabemos que o processo por trás da construção do saber se dá a partir da interação do indivíduo com o meio social em que o mesmo está inserido. São as experiências propiciadas por essas interações que nos fazem construir algum tipo de saber. O saber, em que falo aqui, não pertence a nenhuma classe social, não diferencia sujeitos por seus tons de pele, suas religiões ou sexualidade, não se encontra apenas em centros educacionais e nem se dá a partir das hierarquias sociais. O saber de que falo é um saber encontrado em todo e qualquer indivíduo, um saber perpassado através do tempo, do compartilhamento de gerações e, principalmente, pelo não saber, e desse saber ninguém escapa.

Todas as pessoas carregam consigo saberes. Saberes esses adquiridos no decorrer de toda nossa vida. Saberes que não possuem um grau de hierarquia. Não existe um saber maior e nem melhor que outro, o que existem são saberes. Saberes múltiplos, saberes dos mais variáveis tipos e com as mais variáveis funções. Uma criança carrega consigo

saberes que se divergem do saber de um adulto, assim como um adulto carrega consigo saberes que se diferem dos saberes de um ancião, porém nenhum desses saberes é superior ao outro. Culturas diferentes desenvolvem sujeitos com saberes diferentes. O saber que um brasileiro tem sobre casamentos, por exemplo, é diferente dos saberes que um indiano possui sobre o mesmo tema. E é assim que se constituem os diferentes saberes, as **diferentes educações**.

Carlos Rodrigues Brandão em seu livro *O que é Educação?* Ressalta que “ninguém escapa da educação” (1993. p. 3). Todos os seres vivos participam de processos educativos ao longo de suas vidas e são esses processos que os fazem seres participantes de determinada comunidade, isso se estende desde os animais até aos seres humanos, contudo, nós seres humanos, vivemos esses processos educativos com mais frequência e em âmbitos maiores, além de possuímos uma capacidade cognitiva que nos difere dos outros animais.

Estamos o tempo todo sendo formados em casa, na escola, na rua, no teatro, dentre tantos outros lugares. Participamos a todo momento de experiências que nos afetam e nos ensinam “para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação” (BRANDÃO,1993.p.3).

É a partir da educação que somos capazes de nos enxergar como homens e mulheres. A educação nos permite refletir sobre os “tipos de homens” e nos auxiliam no desenvolvimento dos mesmos. É ela que nos faz pensar sobre crenças, ideias, políticas, ideologias e é por meio dela que construímos diferentes tipos de sociedades. “Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante” (BRANDÃO,1993.p.4).

À medida que os seres humanos foram adquirindo saberes, ele também adquiriu maneiras de sistematizar esses saberes com o intuito de assimilar ou diferenciar ainda mais os indivíduos. Essas junções de sabedorias formularam o que entendemos hoje como conhecimento sistematizado, conhecimento moldado pela sociedade e oferecido pelas escolas, também conhecido como educação, educação esta que “sobrepõe” as educações citadas por mim anteriormente e que tende a se achar superior às demais educações existentes.

Segundo a Constituição Federal Brasileira de 1988, a educação é um direito fundamental de todos. A educação desempenha um papel primordial para o desenvolvimento humano. Além de potencializar o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos, a educação se constitui através de um processo de aprendizagem que envolve a formação social (o que constitui a historicidade do sujeito), a formação familiar e a formação escolar, assim como diz o Art.205 da CF/ 1998:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, Constituição. 1988, Art. 205)

O direito à educação é parte do conjunto dos direitos sociais que tem como objetivo o valor igualitário dos sujeitos, pois a educação é a energia propulsora da sociedade e é ela que proporciona o desenvolvimento do sujeito e auxilia no desenvolvimento da própria sociedade como um todo. A educação é uma ação incessante, quanto mais se tem mais se quer isso, pois a busca pelo conhecimento é parte inerente da vida humana.

A educação nunca é neutra, “neutra, “indiferente” a qualquer destas hipóteses, a da reprodução da ideologia dominante ou a de sua contestação, a educação jamais foi, é, ou pode ser” (FREIRE,1996.p.51). Ela sempre acontece em prol de um estado ou de outro: ou para a emancipação, servindo como uma ferramenta de liberdade ou para submissão, servindo como ferramenta de controle:

A idéia de que não existe coisa alguma de social na educação; de que, como a arte, ela é "pura" e não deve ser corrompida por interesses e controles sociais, pode ocultar o interesse político de usar a educação como uma arma de controle, e dizer que ela não tem nada a ver com isso. Mas o desvendamento de que a educação é uma prática social pode ser também feito numa direção ou noutra e, tal como vimos antes, pode se dividir em idéias opostas, situadas de um lado ou do outro da questão. (BRANDÃO, 1993. p. 33)

Entendendo a importância da educação, da qual ninguém escapa, podemos dizer que é por meio dela que se constrói uma sociedade justa para todos os indivíduos que a constitui. A sociedade está para educação da mesma maneira que a educação está para a sociedade, logo, é inaceitável que haja fissuras no quesito educação, pois uma sociedade que falha nesse ponto já está condenada a falhar em todos os outros, afinal educação é a arte de ler o mundo.

1.3. Dos sujeitos culturais e políticos

Ao pensar sobre os processos que nos movem para frente, também pensei sobre vida. Na verdade, foi inevitável não pensar. Pensei nesta vida, a mesma vida de Guimarães Rosa, que “esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta”, essa vida que exige da gente coragem. E pensei sobre como nos constituímos enquanto seres humanos, que não é só de vida, mas sim de formas de vidas. São os nossos quereres, nossas vontades, nossas ideologias, nossos costumes, nossos valores, nossos sonhos dentre tantas outras coisas, que nos tornam humanos e que nos dá vida.

É através da educação que as pessoas conseguem se enxergarem como sujeitos sociais, políticos e culturais, dado que o homem se desenvolve como tal a partir da interação com o outro, e seu desenvolvimento e aprendizagem estão diretamente relacionados com a cultura (conjunto de atividades, crenças e costumes de um grupo social) podendo dizer também que é por meio dela que nos constituímos enquanto homens:

Nessa perspectiva, nenhum indivíduo nasce homem, mas constitui-se e se produz como tal, dentro do projeto de humanidade do seu grupo social, num processo contínuo de passagem da natureza para cultura, ou seja, cada indivíduo, ao nascer, vai sendo construído e vai se construindo enquanto ser humano. (DAYRELL, 1996. p.141)

Podemos dizer que a cultura é resultado do ser em seu processo de humanização. É por meio dela que conseguimos dar significados a nós e ao mundo ao nosso redor, significados esses que perpassam gerações e mudam conforme a necessidade de seu povo. A cultura circula em meio a nossa relação com o mundo e age como elemento de ligação entre povos que dividem costumes, valores e saberes. Marilena Chauí (1986. p.11), em seu livro *Conformismo e Resistência, aspectos da cultura popular no Brasil* apresenta a origem da concepção que temos sobre a “cultura”:

Vindo do verbo latino *colere*, Cultura era o cultivo e cuidado com as plantas, os animais e tudo que se relacionava com a terra; donde, agricultura. Por extensão, era usada para referir-se ao cuidado com as crianças e suas educações, para o desenvolvimento de suas qualidades e faculdades naturais; donde puericultura. O vocábulo estendia-se, ainda, ao cuidado com os deuses; donde o culto. A Cultura [...], era o cuidado com a terra para torná-la habitável e agradável aos homens, era também o cuidado com os deuses, os ancestrais e seus monumentos, ligando-se à memória e, por ser o cuidado com a educação, referia-se ao cultivo do espírito. Em *latim*, *cultura animi* era o espírito cultivado para a verdade e a beleza, inseparável da Natureza e do Sagrado.

É por meio da cultura que nos tornamos verdadeiramente humanos, pois ela permite nos compreender em meio ao mundo como seres sensíveis, pensantes e parte pertencentes a uma natureza maior. Para Fayga Ostrower, artista plástica brasileira, pintora, desenhista, ilustradora, teórica da arte e professora (2002), o homem é um ser consciente-sensível-cultural. A consciência e a sensibilidade são heranças naturais, enquanto a cultura é fruto da evolução do homem em sociedade, portanto, além de culturais, somos seres sociais. E o ser social antecede o ser cultural.

O ser humano é um ser social pois o mesmo se desenvolve em grupo, junto com outros sujeitos. Cada indivíduo que constitui uma sociedade contribui de forma única para o seu desenvolvimento. Somos sujeitos subjetivos e sociais. Nossas características, valores e costumes são altamente influenciados pelo meio em que nos encontramos e, conforme a sociedade vai se modificando, o sujeito vai passando por modificações também. Precisamos uns dos outros para nos afirmarmos enquanto sujeitos sociais.

O homem, além de ser um ser cultural e social, também é um ser político, isso porque diferente dos demais seres, ele consegue pensar e se comunicar. Somos seres políticos e não existe a possibilidade de sermos seres apolíticos “porque políticas são todas as atividades do homem” (BOAL, 2013.p.13). A palavra política vem do grego *politikós* e tem como masculino a palavra *politiké* e pode expressar os indivíduos que compõem uma comunidade e convivem civicamente. Aristóteles dizia que o “homem é por natureza um animal político”, pois a relação do ser humano com a sociedade é indissolúvel. A sociedade necessita dos sujeitos e os sujeitos necessitam da sociedade. A política é fruto de homens e mulheres naturalmente políticos:

A política não é o exercício do poder. A política deve ser definida por si mesma, como um modo de agir específico, que é levado a cabo por um sujeito que lhe é próprio e que depende de uma racionalidade que lhe é próprio. É a relação política que permite pensar o sujeito político e não o inverso (RANCIÈRE,2014. p. 137. grifo do autor).

O reconhecimento de que somos iguais é o que nos faz seres políticos, “portanto, a política deve iniciar pelo reconhecimento da igualdade das inteligências alcançando um processo de emancipação, de se expressar” (CATELAN,2017.p.3) se somos sujeitos culturais, sociais e políticos, os resultados de nossas ações também são culturais, sociais e políticos.

II. DA CULTURA À CRIATIVIDADE: A ARTE

*“Você não pode esgotar a sua criatividade.
Quanto mais você usa, mais você tem”.*
Maya Angelou

Neste capítulo, faço um paralelo entre cultura, criatividade e as artes, entendendo que ambas se dão a partir do desenvolvimento humano e estão em constante ligação. Assim também apresento conceitos e assimilações que discorrem sobre esse tema. Aqui também, discorro sobre como se dá o estudo das artes cênicas no ambiente escolar de acordo com as leis estabelecidas para essa modalidade de ensino.

2.1 Cultura, Criatividade e a Arte

Por muito tempo me perguntei o que somos. É, sei que essa frase soa um pouco redundante, mas foi exatamente essa pergunta que fiz por muito tempo, fiz e confesso que ainda faço. É algo inerente a mim, vez ou outra faço essa pergunta para tentar entender de alguma forma tudo aquilo que nos constitui. O que somos?

Você consegue perceber o eco que essa frase faz? Ela se perpetua dentro das nossas cabeças. Faça esse exercício: repita essa frase em sua mente, é como se todas as respostas para essa pergunta não fossem o suficiente. O que somos? Somos parte inerente da criação, obra inacabada. Somos resultado da criatividade do criador. Somos frutos da arte do ser supremo, somos arte. Sujeitos sociais, históricos, culturais e políticos, esquecidos no espaço como poeira de estrelas. Co-criadores de um mundo inacabado. Somos os artistas, somos a criatividade.

Sabemos que os sujeitos se desenvolvem como tal a partir da interação com o outro, que o desenvolvimento e aprendizagem estão diretamente relacionados e que cultura é um conjunto de costumes, crenças e atividades de um grupo social, podendo dizer também que a cultura é como uma espécie de resultado final de uma sociedade e é ela que faz com que diferentes indivíduos se assemelhem:

“ 'cultura' não é simplesmente um referente que marca uma hierarquia de "civilização" mas a maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa. Cultura é, em Antropologia Social e Sociologia, um mapa, um

receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas.” (DAMATTA, 1981. p. 02)

Não existe sujeito sem cultura, tão pouco existe uma cultura que seja superior a outra. Cultura não é e nem pode ser considerada uma unidade de medida de intelecto e nem é essa sua função:

O conceito de cultura, ou, a cultura como conceito, então, permite uma perspectiva mais consciente de nós mesmos. Precisamente porque diz que não há homens sem cultura e permite comparar culturas e configurações culturais como entidades iguais, deixando de estabelecer hierarquias em que inevitavelmente existiriam sociedades superiores e inferiores. Mesmo diante de formas culturais aparentemente irracionais, cruéis ou pervertidas, existe o homem a entendê-las – ainda que seja para evitá-las, como fazemos com o crime - é uma tarefa inevitável que faz parte da condição de ser humano e viver num universo marcado e demarcado pela cultura. Em outras palavras, a cultura permite traduzir melhor a diferença entre nós e os outros e, assim fazendo, resgatar a nossa humanidade no outro e a do outro em nós mesmos (DAMATTA, 1981. p. 04)

A Cultura é parte do ser. Não existe sujeito sem cultura, posto que o sujeito é um ser consciente – sensível - cultural (Ostrower, 2002), e é a partir dessas características que o potencial criativo dos seres humanos se desenvolve, pois pode-se caracterizar o potencial criativo do ser como o ato de criar e, criação só é possível posteriormente ao ato de ter consciência e essa consciência se dá a partir do contexto cultural:

O homem será um ser consciente e sensível em qualquer contexto cultural. Quer dizer, a consciência e a sensibilidade das pessoas fazem parte de sua herança biológica, são qualidades comportamentais inatas, ao passo que a cultura representa o desenvolvimento social do homem; configura as formas de convívio entre as pessoas. Na história humana - um caminho de crescente humanização, ainda que se questione, e com razão, a idéia de "progresso" linear - as culturas assumem formas variáveis que se alteram com bastante rapidez, incomparavelmente mais rápidas do que eventuais alterações biológicas no homem. As culturas se acumulam, se diversificam, se complexificam e se enriquecem. Ou então também, desenvolvem-se e, por motivos sociais, se extinguem ou são extintas. Até poder-se-ia dizer que as culturas não são herdadas, são antes transmitidas. (OSTROWER, 2002. p.11)

A partir da Cultura, a criatividade é elaborada e desperta as potencialidades (conjunto de saberes) contidas em cada ser. Ostrower acredita que a natureza criativa do dos sujeitos se elabora no contexto cultural e considera que a criatividade é inerente aos humanos. Diante disso, a criatividade é mais do que uma visão artística, é produto da capacidade de homens e mulheres:

Todo indivíduo se desenvolve em uma realidade social, em cujas necessidades e valorações culturais se moldam os próprios valores de vida. No indivíduo

confronta-se, por assim dizer, dois polos, de uma mesma relação: a sua criatividade que representa as potencialidades de um ser único, e as criações que será a realização dessas potencialidades já dentro do quadro de determinada cultura. (OSTROWER, 2002.p.05).

Para Lev Vygotsky, psicólogo e professor que fundou a teoria sociocultural, a cultura se integra ao homem a partir da atividade cerebral que é estimulada pela interação entre parceiros sociais e mediada pela linguagem. O ser humano é um ser sociocultural, é resultado das interações em sociedade, tornando-se assim resultado de trocas que foram realizadas durante toda vida. Dessa forma, o processo de desenvolvimento do ser humano se dá do social para o individual. Para ele, todo sujeito possui criatividade, contudo é necessário desenvolvê-la e aprimorá-la, como diz Mônica Souza Neves Pereira sobre a visão de Vygotsky:

[...] o processo de desenvolvimento da criatividade é determinado pelo contexto cultural ao qual pertence o sujeito agente do ato criativo. Sua expressão criativa individual reflete a influência do coletivo, é obra do grupo, da dimensão social, onde ele, como agente, apenas exteriorizou o desejo, necessidade ou pensamento oriundo e emergente da cultura. (NEVES PEREIRA, 1998.p.12)

É a partir da criatividade que o sujeito se reinventa criando assim capacidade de se transformar e transformar a realidade ao seu redor. Sendo a cultura e a criatividade inerente ao sujeitos e que se desenvolve a partir das relações sociais:

[...] a faculdade criativa uma característica ineliminável e peculiar ao gênero humano, a quem é característica a capacidade de elaborar e reelaborar sua própria realidade, o que constitui a criatividade. Essa capacidade do homem de criar é que lhe propiciou avançar da condição de mera espécie biológica para a de gênero humano; de sujeitar a mão selvagem a uma mente cultural. (BARROCO e TULESKI, 2007.p.15)

O ser humano se desenvolve a partir da cultura em que está inserido e das suas potencialidades criativas, visto que, para o desenvolvimento da criatividade acontecer o indivíduo precisa estar em equilíbrio com todos os planos que constitui o mesmo:

[...]dentro do processo de desenvolvimento e aprendizagem, a criatividade se dá por meio da interação com outras pessoas. Assim, o sujeito não é apenas, mas interativo. [...] o estado emocional das pessoas exerce poderosa influência na criatividade. Para desenvolver o potencial criativo de forma plena, precisamos buscar o equilíbrio e a estabilidade nos três planos constituidores da pessoa humana: no plano físico (organismo, corpo), no plano mental (cabeça, inteligência) e no plano emocional (coração, desejo). Distúrbios em qualquer desses planos acabam por acarretar prejuízos aos demais. (ARQUINO; SILVA JÚNIOR, 2012.p.59)

A criatividade, diferente do que muitas pessoas acreditam, não se dá a partir de dons, muito menos por questões divinas. A criatividade não é uma qualidade restrita apenas a algumas pessoas, ela não pode ser comparada ou avaliada. A criatividade não funciona como uma moeda de troca - dar algo na esperança de obtê-la - sequer podemos comprá-la. Ela não está à venda e mesmo assim ninguém pode resistir a ela. A criatividade está em mim e em você e até em quem se diz “sem criatividade”, pois ela é “um potencial inerente ao homem, e a realização desse potencial uma de suas necessidades”. (OSTROWER, 2002.p.05)

A criatividade funciona como uma espécie de energia (como Vygotsky já mencionou uma vez) “ todos somos portadores dessa energia criativa. Alguns vão apresentá-la de forma magnânima, gigantesca; outros vão irradiar a mesma energia só que de maneira suave, discreta. A energia é a mesma, a capacidade também, apenas distribuída de forma diferenciada” (VIGOSTKY apud NEVES PEREIRA, 1998.p.04).

Ela é resultado de qualquer ação do ser humano que esteja interessado em formular o novo, seja ele algo material ou até mesmo seu próprio futuro. Criatividade é um elemento necessário para que mulheres e homens possa se desenvolver em meio ao seu próprio núcleo social. Assim, podemos entender a “noção de criatividade enquanto reflexo de qualquer ato humano que origine algo novo, independentemente do que é criado ser um objeto físico ou um constructo emocional ou mental que vive dentro da pessoa que o criou, e que é conhecido apenas por ela”(VALQUARESMA e COIMBRA,2013.p.135), ou seja, a criatividade é indissociável do homem e na mesma medida em que ele se desenvolve a sua criatividade tem potencialidade de ser desenvolvida também.

A criatividade é uma condição humana e assim como o seres humanos se desenvolve no decorrer do tempo, ela também está em constante desenvolvimento. Os processos por quais o sujeito perpassa durante toda sua vida, o contexto social e cultural em que este sujeito está inserido propicia elementos e situações que permitem que o individuo potencialize cada vez mais sua criatividade.

A palavra criatividade vem do latim *creare*, que se refere ao algo novo ato de formar/criar, então, podemos dizer que toda a criação do ser humano é um ato criativo. Ostrower acredita que o ato de criar/formar (o ato criativo) é um ato que nos permite compreender novas capacidades:

Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse "novo", de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar. (OSTROWER, 2002.p.20)

Se a criatividade é sinônimo do ato criativo e o ato criativo é o mesmo que formar ou criar; e que esse criar está diretamente relacionado ao contexto em que o sujeito criador está inserido, podemos dizer que a arte é um dos frutos da criatividade e assim como a educação, a cultura, a política e a criatividade, ninguém escapa dela.

A arte, penso eu, é inerente a todo ser humano. Todo sujeito é um sujeito essencialmente artista (entendo artista como um criador de artes). Li uma vez no livro *Mulheres Que Correm Com os Lobos* a seguinte frase “toda arte é visceral, não cerebral”. A partir daí comecei a entender a arte como algo que está enraizado em nós, digo em mim, em você e no outro também. A arte surge de algo extremamente profundo em nós pois visceral diz respeito a algo que é interno, que se encontra nas entranhas dos indivíduos. Li também, nesse mesmo livro, que a arte era como um alento para alma, a bússola que norteia o caminho da vida individual e coletiva:

A arte é importante porque ela celebra as estações da alma, ou algum acontecimento trágico ou especial na trajetória da alma. A arte não é só para o indivíduo; não é só um marco da compreensão do próprio indivíduo. Ela é também um mapa para aqueles que virão depois de nós (ESTÉS, 2018.p.28).

A partir de agora falaremos dessa arte que se encontra em todo e qualquer indivíduo, que dá sentido aquilo que encontramos no interior de cada sujeito. Essa arte que não é restrita apenas aos seres humanos, mas que é parte fundamental para a existência humana.

É a arte que nos dá vida, que nos transpassa, nos afeta e nos transforma. Essa arte que pode ser encontrada em qualquer lugar, que pode ser uma disciplina em sala de aula, mas que não é somente isso. A arte que nos tira o fôlego e ao mesmo tempo nos devolve. A arte a qual me refiro aqui é uma arte afetuosa no sentido de afetar e deixar-se ser

afetado. A arte nos muda por dentro. E a arte da qual vos falo é a mesma arte de Ferreira Gullar⁴, que “existe porque a vida não basta”.

A partir de agora tentaremos de alguma forma compreender mais sobre essa pergunta que muitos antes de mim se fizeram e que muitos depois de mim ainda irão fazer. Afinal, o que é arte?

A Arte é uma dessas coisas que, como o ar ou o solo, estão por toda a nossa volta, mas que raramente nos detemos para considerar. Pois a arte não é apenas algo que encontramos nos museus e nas galerias de arte, ou em antigas cidades como Florença e Roma. A arte, seja lá como a definimos, está presente em tudo o que fazemos para satisfazer nossos sentidos. (STOKMANN apud, READ 2007.p.3)

A arte nos permite desenvolver novas percepções de mundos. Através dela podemos refletir e desenvolver sentimentos sobre algo. Por meio dela podemos perceber as diferentes formas de uma mesma coisa. A arte nos permite refletir, e a reflexão sobre a sociedade, sobre nós e sobre o outro é o que nos faz humanos:

Arte em suas diferentes manifestações e expressividades pode ser considerada como possibilidade de contato com o novo, com algo que não está previsto de início, e pode ampliar o universo de referência das pessoas. Este contato, bem como o estranhamento ou o olhar diferenciado gerado pelas diversas obras de Arte, pode provocar sentimentos e reflexões até então não conhecidas ou vivenciadas, incitando outros tipos de contato consigo mesmo e com o contexto que o cerca. (PESSOA,2014.p.52)

É difícil definir o que de fato é a arte, mas compreendo a arte como uma linguagem e que é por meio dessa linguagem que o ser humano consegue expressar suas culturas, suas emoções e as suas histórias. Sendo uma linguagem, ela surge pela necessidade do ser humano em se comunicar, com ele e com os demais a sua volta, “assim, vislumbramos, nas aproximações com as diferentes expressões artísticas, oportunidades para o sujeito reelaborar pensamentos, conhecimentos e sentimentos e, nesse movimento, constituir e ser constituído pela arte” (PESSOA,2014.p.53). A arte conecta humanos com humanos, através dos sentidos, daquilo que é visceral, que molda, muda e transforma:

O homem cria, inventa e constrói diferentes maneiras de viver e estar em sociedade, e a arte configura-se importante propulsora destes processos criativos. Ela permite aos sujeitos o contato com conteúdos além de sua realidade cotidiana, e podemos dizer que a arte possibilita

⁴ Crítico de arte, poeta, jornalista, percussor do movimento neoconcreto.

diferentes encontros entre os homens e as expressões humanas.
(PESSOA,2014.p.53)

A arte sendo parte indissociável do sujeito, ela o auxilia no próprio desenvolvimento, a se comunicar, a se colocar e se expressar no mundo e com o mundo; sem ela é inviável a vida humana.

Se a arte é parte indissociável do sujeito e sendo ela uma linguagem, ela pode e deve auxiliar no processo de educações. “Na Educação, esse campo de conhecimento pode ser trabalhado em uma de suas vertentes contribuindo na ampliação da compreensão do sujeito sobre sua realidade e para que o educador reflita sobre suas vivências artísticas e as incorpore em sua prática” (PESSOA,2014.p.55).

A arte na educação deve ser exercida como um saber essencial para o desenvolvimento de diferentes indivíduos. “A arte tem de ser educada do mesmo modo que a sociedade deve passar a olhar a arte como forma de fruição. Ao educarmos para a arte estamos a possibilitar novos horizontes mais criativos e artísticos” (BAHIA,2002. p. 112).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, também conhecido como PCNs, são diretrizes criadas pelo Governo Federal Brasileiro com o intuito de ser um documento norteador a educadores sobre a normatização e a aplicação de alguns fatores fundamentais para o ensino de cada disciplina. Esse mesmo documento diz sobre o ensino das Artes:

Aprender arte é desenvolver progressivamente um percurso de criação pessoal cultivado, ou seja, alimentado pelas interações significativas que o aluno realiza com aqueles que trazem informações pertinentes para o processo de aprendizagem (outros alunos, professores, artistas, especialistas), com fontes de informação (obras, trabalhos dos colegas, acervos, reproduções, mostras, apresentações) e com o seu próprio percurso de criador. (BRASIL, parâmetros curriculares nacionais, 1997. p.35)

Hoje, a Arte é entendida também como uma disciplina que precisa ser ensinada no ambiente escolar, mas nem sempre foi assim. Os PCNs apontam que em 1971 a Arte foi incluída no currículo escolar pela Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), mas a mesma não era vista como uma disciplina, e sim como “atividade educativa”. Somente 25 anos depois e com o avanço das discussões sobre a Arte-Educação, o ensino das Artes foi aceito como uma disciplina por meio da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996). Como podemos ver na Lei n. 9.394/96

art. 26, § 2º “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.

Atrevo-me a dizer que o ensino da arte não propicia somente o desenvolvimento cultural do sujeito, mas o seu próprio desenvolvimento pleno como sujeito crítico-social. A arte nos permite pensar em diferentes possibilidades de estar e pertencer a uma sociedade. Os próprios PCNs, documento criado pelo Governo Federal diz que:

Apenas um ensino criador, que favoreça a integração entre a aprendizagem racional e estética dos alunos, poderá contribuir para o exercício conjunto complementar da razão e do sonho, no qual conhecer é também maravilhar-se, divertir-se, brincar com o desconhecido, arriscar hipóteses ousadas, trabalhar duro, esforçar-se e alegrar-se com descobertas. (BRASIL, parâmetros curriculares nacionais, 1997.p.27)

Sendo a criatividade fruto da capacidade cultural do ser humano e sendo a arte fruto da criatividade do homem, o ser criador, criativo e artista é essencialmente fundamental para formação de sujeitos sensíveis, políticos e críticos. Sujeitos plenos de plenitude.

III. ARTES CÊNICAS: UMA INTERVENÇÃO ARTÍSTICA E AFETOPEDAGÓGICA NO AMBIENTE ESCOLAR

*“Se cada um é um universo
Quem salva uma vida salva um mundo inteiro”
Djonga*

Este capítulo abordará questões sobre o ensino das artes cênicas a partir da minha experiência como estudante da rede pública, como mulher, como artista e como graduanda em licenciatura em artes cênicas. Abordará experiências vividas por mim durante o estágio que tive a oportunidade de fazer em uma escola privada e as experiências na residência pedagógica em uma escola pública, além de fazer traçar um paralelo entre essas experiências e o período de pandemia que estamos vivendo.

3.1 Apartheid Digital

Haverá um tempo onde o céu brilhará da forma mais azul possível, onde o ar será tão puro que andaremos cheirando tudo que por ele passar, onde a natureza será tratada como uma verdadeira rainha, onde todos os seres serão iguais com suas diferenças e essas diferenças serão sinônimo da beleza que carregamos; haverá um tempo em que não haverá mais guerras, nem por terras, nem por dinheiro, tão pouco por religião, classe social, ou orientação sexual; haverá um tempo onde a fome não fará mais morada nem em casas e muito menos em pessoas; haverá um tempo onde a felicidade reinará e todos, sem exceção de ninguém, serão plenamente felizes com todas as diferenças e nossas semelhanças.

Mas antes de tudo isso acontecer, teremos que nos lembrar de forma consciente que houve um tempo em que achamos que éramos superiores aos outros seres, onde o céu que um dia já havia sido tão azul se encontrava acinzentado, por conta da poluição e desmatamento gerado pela evolução do “tempo moderno”, onde as guerras eram constantes, seja por terras, por dinheiro ou por religião. Onde o certo já não era tão certo assim e o errado se alastrava pelo ar. Onde havia fome de tudo, desde o alimento até o respeito. Onde quem tinha, tinha muito e quem não tinha, não tinha nada. Onde se escravizava os diferentes e até mesmo os semelhantes.

Houve um tempo, mas precisamente em meados dos anos 40, na terra que conhecemos pelo nome de África do Sul, um lugar onde existiam pessoas das mais variáveis cores. E apesar dessas cores apresentarem as mais variadas tonalidades, elas não possuíam valor algum, quero dizer, essas cores não possuíam o poder de medir o valor de seu ninguém, pelo contrário, essas variedades de cores eram apenas para nos lembrar o quanto podemos ser diferentes e ao mesmo tempo iguais. Acontece que nesse mesmo território de seres coloridos, existiam seres com pensamentos divergentes a esse e acreditavam que essas cores poderiam sim medir o valor de alguém.

Em 1948, implantou-se no território da África do Sul aquilo que ficou conhecido como APARTHEID⁵. Um regime de segregação racial, de separação por meio da cor da pele, onde a elite “clara” (branca) do país excluía as pessoas “escuras” (negras) dos ambientes ditos “sociais”, como escolas, restaurantes e praças. Para além disso, essa separação se estendia até o uso dos direitos civis básicos, como a entrada no mercado de trabalho e o direito à educação. Essa separação, na qual a minoria “clara” domina a maioria “escura”, durou por mais de 40 anos, causando danos letais à história, à ancestralidade e ao povo negro, danos esses que vem se perpetuando.

É assustador pensar que um regime possa impedir que pessoas exerçam até mesmo os seus direitos de serem pessoas; é assustador pensar que isso ocorreu apenas pela diferença na melanina⁶ existentes em seus corpos. Mas é ainda mais assustador pensar que esse regime absurdo que se estendeu por muitos e muitos anos acabou somente em 1991, e que 7 anos depois, eu, mulher, artista, arte-educadora, sonhadora, filha, irmã, tia, amiga, neta de negros, neta de indígenas, nasceria.

Após duas décadas do meu nascimento e conseqüentemente do fim do APARTHEID, eu poderia dizer que já havia escutado as histórias mais assustadoras sobre a evolução da humanidade, porém escutar sobre as histórias que fazem parte do processo da evolução da humanidade não te torna mais humana, vivê-las, sim. E foi assim que o universo se encarregou de fazer com que eu me sentisse ainda mais humana.

Em março de 2020 a Organização Mundial da Saúde decretou estado pandêmico no mundo inteiro e assim a humanidade se viu diante de um cenário completamente inabitual. Nos encontramos diante de uma pandemia, sendo mais específica, a pandemia da Covid-19, que se estende até os dias de hoje. Com a chegada inesperada desse vírus

⁵ Sugestão de leitura: Longa Caminhada Até a Liberdade- Nelson Mandela

⁶ Principal proteína responsável por colorir a pele e pelos dos seres humanos, além de proteger o DNA das células contra a radiação ultravioleta emitida pelo sol.

tivemos que reaprender a “viver”. Por meio da pandemia da covid-19 fomos condicionados a permanecer em isolamento social, pois a curto prazo se manter isolado era a solução mais eficiente contra a propagação desse vírus. A maioria dos ambientes sociais como cinemas, teatros, restaurantes, shoppings, bancos, dentre outros, acabaram sendo fechados por tempo indeterminado e outros como, farmácias, mercados e hospitais diminuíram o número de acesso por pessoa, para que não houvesse nenhum tipo de aglomeração. Assim como muitos desses ambientes, o ambiente escolar também sofreu com essas medidas de caráter emergencial. No decorrer da pandemia, vimos as instituições de ensino mundo a fora tendo que se readequarem àquilo que agora seria o “novo normal”,⁷ visando dar continuidade ao ano letivo e tentar minimizar prejuízos gerados pela pandemia.

Com a implantação de um modelo de vida que restringia o contato social entre as pessoas, diretores, coordenadores, professores, alunos e toda a comunidade escolar tiveram que criar novos caminhos para garantir o acesso à educação a “todos”. Com a necessidade de se manter em isolamento, as tecnologias se tornaram parte inerente do ensino educacional, uma vez que essas ferramentas contribuíram de forma essencial para o andamento dessa nova realidade. As tecnologias foram fundamentais para garantir a continuidade do ano letivo, mas não só para isso, as tecnologias diminuíram as distâncias entre as pessoas, seja por meio de ligações, mensagens ou vídeos chamadas.

Com a pandemia da covid-19 instaurada em nossa sociedade, foi inevitável não perceber que as tecnologias ganhavam cada vez mais espaço em nosso dia-a-dia, se tornando um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento humano durante esse período. Como forma de minimizar os transtornos, diversos setores incluindo o setor educacional, adotaram a modalidade on-line/remota na tentativa de amenizar maiores danos. As escolas utilizaram as tecnologias como peça propulsora do ensino aprendizado. As redes sociais, as plataformas de streaming, os jogos digitais, os aplicativos de mensagens, os editores de vídeos, as câmeras digitais, os computadores e os celulares não ficaram de fora dessa e ajudaram a manter um ensino virtual mais dinâmico:

O uso das ferramentas tecnológicas na educação deve ser vista sob a ótica de uma nova metodologia de ensino, possibilitando a interação digital dos educandos com os conteúdos, isto é, o aluno passa a interagir com diversas ferramentas que o possibilitam a utilizar os seus esquemas mentais a partir do uso racional e mediado da informação. (CORRDEIRO,2020.p. 4)

⁷ Novo normal, o conceito que busca abarcar as condições que garantam a nossa sobrevivência durante e pós-pandemia. <https://www.informasus.ufscar.br/novo-normal/>

Não podemos negar que as tecnologias de fato auxiliaram no desenvolvimento de atividades durante o período pandêmico e talvez sem elas não seria possível passar por toda essa fase, porém o seu uso como recursos para se manter em certos ambientes não foram algo benéfico a todos, pelo contrário, foi mais um privilégio... de poucos. Com o período pandêmico e a necessidade tecnológica dos dias atuais, abriu-se ainda mais o abismo social existente em nossa sociedade, dividindo aqueles que muito tinha daqueles que nada tinha, tornando inviável o acesso à educação, um dos direitos sociais básicos, gerando assim um *Apartheid Digital*:

Apartheid digital é a expressão utilizada para caracterizar a separação, o abismo de diferenças formado entre a parte da população que usa computador, acessa a internet etc., e os que não têm acesso a esses recursos. É um gigantesco e dramático fosso entre uma minoria “plugada” no mundo moderno e uma grande massa “sem-internet”. (FERREIRA, 2020. p.14)

Segundo a SIS- *Síntese de Indicadores Sociais*, publicado em dezembro de 2021, pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) os índices de pessoas em extrema pobreza no ano de 2020 era de 12,9% e o número de pessoas na pobreza havia atingido o índice de 32,1% da população. Em 2019, esse mesmo indicativo mostrava que 24,7% das pessoas se encontrava na pobreza, já a extrema pobreza afetava 6,5% da população. Em outro indicador social, publicado em dezembro 2021, vê-se que em 2020, 1 a cada 4 brasileiros viviam com mesmos \$ 450 por mês e que 12 milhões de pessoas viviam com menos de \$155 reais por mês. Como vimos, os índices de pessoas em condição de pobreza ou de extrema pobreza já eram alarmantes antes da pandemia, com a chegada do Covid-19 esses indicadores se agravaram ainda mais.

Atualmente, milhões de pessoas não possuem o mínimo necessário para escaparem da fome. Pergunto-me como essas mesmas pessoas poderiam possuir o mínimo necessário para frequentar o ensino remoto? Estamos vivendo nos dias atuais a evolução do Apartheid, gostaria de ser otimista e dizer que diferente do Apartheid da década de 40, o Apartheid da era digital separa as pessoas somente por conta da tecnologia, mas sabemos que isso não é verdade e que o regime de segregação por conta da cor da pele é uma das principais características para a manutenção dos índices citados acima.

Durante a pandemia, estive frente a frente ao Apartheid Digital inserido em nossa sociedade. No segundo semestre de 2020 tive a oportunidade de realizar o meu primeiro estágio remunerado em uma instituição de ensino privado (de classe alta), em Brasília (e

que daqui para frente, receberá o nome fictício de *escola x*), onde estagiei na área de licenciatura por um ano e dois meses.

Oito meses após a minha contratação na escola x, tive o prazer de participar da Residência Pedagógica (RP) em Artes Cênicas, um projeto do Ministério da Educação juntamente com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) como parte do subprojeto de Artes Cênicas “Arte e(m) Movimento” da Universidade de Brasília (UnB). Durante o meu período na RP, realizei atividades docentes no Centro de Ensino Fundamental 405 Sul, uma escola pública de Brasília e com essas experiências docentes posso dizer que vivenciei os dois lados dessa segregação.

3.2 A arte imita a vida ou a vida imita a arte?

A exceção e a regra

*“[...] Vejam bem o procedimento desta gente:
Estranhável, conquanto não pareça estranho;
Difícil de explicar, embora tão comum;
Difícil de entender, embora seja a regra.
Até o mínimo gesto, simples na aparência
Olhem desconfiados e perguntem
Se é necessário, a começar do mais comum.
E, por favor, não achem natural
O que acontece e torna a acontecer:
Não se deve dizer que nada é natural
Numa época de confusão e sangue
desordem ordenada, arbítrio de propósito
humanidade desumanizada [...]”.*

-Berthol Brecht

A rotina era sempre a mesma: acordava por volta das 5 da manhã, arrumava-me e antes mesmo que o café estivesse pronto eu já estava dentro de um ônibus lotado. Apesar de nunca conseguir um assento, seguia em pé e feliz, afinal era os meus primeiros dias no meu primeiro estágio em quase 4 anos no curso de licenciatura em Artes Cênicas. Confesso que a essa altura eu já havia perdido a esperança de encontrar um estágio, porém havia muito mais motivos para seguir feliz do que para reclamar; eu havia encontrado o estágio dos sonhos em uma escola renomada de Brasília; meu currículo agradecia e claro que não poderíamos esquecer que estávamos em um momento pandêmico e era a primeira vez em um ano que as coisas voltavam ao presencial. Antes disso, tudo, inclusive o meu

trabalho, era online e eu já estava saturada. Os dias eram os melhores possíveis, eu chegava na **escola x** e me alegrava ver a empolgação dos alunos em um ano letivo presencial, bem, o ano não era totalmente presencial, era semipresencial, metade da turma ia em uma semana e a outra metade na semana seguinte e apesar de todos os riscos, essa estava sendo a minha maior diversão em meio a pandemia.

Mas, é aquele ditado, “nem tudo são flores, nem tudo que reluz é ouro”. Em poucos meses eu já havia percebido que trabalhar na **escola x** seria um grande desafio, primeiro porque a **escola x** travava a educação como uma mercadoria - quanto mais vendia, mais dinheiro tinha - e os alunos considerados como códigos de barras de boletos. Segundo, porque havia uma diferença gigantesca na vida que os alunos levavam para a vida que eu levava. Estudei a minha vida toda em escola pública, entrei em uma universidade pública, mas pela possibilidade de não pagar mensalidade do que por tudo que a universidade poderia me oferecer. A minha realidade era um pouco mais dolorida, enquanto a os alunos da **escola x**, os filhos de juízes, dos políticos, dos embaixadores e dos médicos, já se matriculavam ali com o intuito de sair direto para uma universidade pública. Tenho certeza de que eles não tinham a menor preocupação com as futuras mensalidades, afinal, o custo mensal de se estar matriculado nessa escola era bem maior que o custo mensal de um uma faculdade privada.

Confesso que todas essas problemáticas eram pequenas diante de uma que me tirou do eixo. Em uma manhã de trabalho na **escola x**, recebi uma mensagem via WhatsApp que dizia assim: “Nessa escola é proibido ser amigo de aluno, seja profissional”. Acontece que a essa altura eu já era uma profissional e ser amiga dos alunos era apenas uma consequência do meu profissionalismo, pois como Paulo Freire diz em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, autoridade nada tem a ver com autoritarismo. “Não resolvemos bem, ainda, entre nós, a tensão que a contradição autoridade-liberdade nos coloca e confundimos quase sempre autoridade com autoritarismo, licença com liberdade” (FREIRE, 1996.p.32). Ser profissional não te impede de ser amigo, ainda mais sendo um educador, a autoridade que o professor deve manter não pode ser superior à sua própria humanidade, pois a educação nos forma para que sejamos humanos e a amizade é uma das características da humanidade. Além disso “não é possível à escola, se, na verdade, engajada na formação de educandos educadores, alhear-se das condições sociais

culturais, econômicas de seus alunos, de suas famílias, de seus vizinhos” (FREIRE, 1996. p.33).

Curiosamente, depois desse episódio eu me tornei ainda mais amiga dos alunos da **escola x**, na medida que os dias passavam, novas instruções de como deveríamos trabalhar eram passadas também. A **escola x** fazia questão de ressaltar, quase que diariamente, que aquela instituição de ensino tinha como alicerce o conteúdo e não importava o que acontecesse, os quadros brancos deveriam estar sempre cheios de palavras difíceis, pois é assim que um bom aluno, consegue a aprovação no vestibular. Eu era uma estagiária, estudante de Artes Cênicas, que acompanhava a jornada de alguns professores, dentre eles eu acompanhava uma professora formada em História da Arte e que em todo o tempo em que passei estagiando nessa escola, nunca passou um exercício prático para seus alunos e sempre usava a pandemia e a necessidade de afastamento como desculpas para não realizar esse tipo de atividade. É engraçado, pois eu como estudante de Artes achava tedioso as aulas de artes que eram oferecidas pela **escola x**, visto que essas aulas eram teóricas demais, e ao meu ver, para aprender arte precisa-se fazer parte, mas os alunos esperavam ansiosos pela aula de Artes porque segundo eles, essa era a “hora do descanso”, “uma aula mais livre”, “menos cansativa”. Confesso que em alguns momentos me perguntei o que eles fariam depois de fazerem uma das nossas aulas práticas do Departamento de Artes Cênicas da UnB.

Além de todas essas questões que de certo modo me tirava da minha zona de conforto e me colocava em uma zona que eu não queria estar, nem como profissional, nem como aluna e muito menos como pessoa (pois não me sentia **pertencente** aquele espaço), eu ainda tinha que lidar com o fato das Artes não serem valorizadas nesse ambiente e, como consequência, ouvia diariamente de alguns alunos piadas relacionadas ao meu curso, coisas do tipo “Ana, porque Artes?”, “Você não queria ganhar dinheiro?”, “Quem em sã consciência faz faculdade de arte?”, mas apesar das piadinhas não guardo mágoas, vivemos em uma sociedade em que pensamentos como esse são bem comuns, o que é uma pena. Durante a pandemia, a arte mostrou o seu valor e foi por meio dela que os dias foram mais fáceis.

Um dia, cansada dessas piadas sem graças sobre o curso que escolhi, resolvi fazer uma atividade teatral. Entrei em uma sala durante o horário do intervalo e propus de jogarmos um jogo que se chamava “fui a lua”. A brincadeira funciona assim: um

participante começava dizendo “Fui à Lua e levei...” e escolhia um objeto para completar a frase. Por exemplo: “Fui à Lua e levei uma garrafa”. O próximo deveria repetir o item que o anterior falou e completar com mais um: “Fui à Lua e levei uma garrafa e um copo”, e assim por diante. Quem errasse saíria da brincadeira. De início os alunos que faziam as piadinhas não queriam entrar na brincadeira, mas com o tempo eles foram participando, à medida que era adicionado um objeto o jogo ficava mais interessante e mais eles queriam jogar. A brincadeira que antes era mais um “joguinho sem graça”, agora havia virado uma competição de memorização, mas antes mesmo de acabar, tocou um sinal que nos lembrou do fim do intervalo, paramos a brincadeira e antes de sair da sala ressalttei: “vocês tiveram uma breve aula de teatro e foi por isso que eu escolhi o curso, pois assim consigo trabalhar brincando” e saí.

Desde esse dia, as coisas com os alunos foram diferentes, sempre que eu encontrava um aluno no corredor ouvia pedidos de aulas de teatro. Na sala dos professores, sempre me questionavam o porquê dos alunos gostarem tanto de mim. A resposta era bem fácil: “eu me permiti ser amiga deles”. Foi a partir desse dia que eu percebi que na **escola x** havia uma necessidade maior que a de conteúdos para vestibulares, uma necessidade que dinheiro nenhum comprava - a necessidade de afeto e atenção. Foi o afeto e a atenção que eu dava para meus alunos que fizeram com que eles gostassem de mim e como eu já havia dito anteriormente, isso era apenas consequência da profissional que sou.

Diferentemente da minha realidade na **escola x**, tive a oportunidade de exercer o trabalho docente no Centro de Ensino Fundamental 405 Sul, através do programa de Residência Pedagógica, diferentemente também da **escola x**, essa era uma escola pública, como as que eu havia estudado durante a minha vida inteira e diferente da **escola x**, as aulas aqui eram aulas remotas, eu podia ser amiga dos meus alunos e poderíamos dar aulas práticas, mesmo que online, claro que visando o conteúdo, mas não precisava deixar os quadros cheios de palavras difíceis o tempo inteiro, afinal não havia nem quadro. As salas de aula eram pequenos quadrados em uma tela de computador, mas assim como na **escola x**, trabalhar nessa escola também seria um grande desafio, pior que os desafios anteriores, pois tive que sentir na pele os efeitos causados pelo APARTHEID DIGITAL.

Se na escola x o meu problema como educadora tinha relação com o afeto e a atenção, soube durante a minha passagem pelo 405 sul, que só com afeto e atenção não

era possível o bom desenvolvimento do ano letivo em um momento pandêmico (ou em qualquer outro momento). Eram necessário recursos, computadores, celulares, câmeras, internets, livros, disposição e tantas outras coisas que nem conseguiria listar agora, mas que havia na **escola x**. Eu, como educadora pertencente a esses dois espaços, desejei com todo meu coração que ao menos uma vez no mês os papéis se invertessem e que os alunos da **escola x**, que precisavam de afeto e atenção, fossem para o 405 sul, porque isso não faltava lá, e os alunos do 405 sul que precisavam de recursos e equipamentos, fossem para a **escola x**, porque recursos e equipamentos lá não faltavam, e particularmente, eram sempre os melhores.

As aulas no 405 sul eram sempre uma surpresa pois nunca se sabia quantos alunos estariam em sala. Às vezes eram muitos, mas às vezes eram quase nada e, para piorar a situação, as câmeras ficavam sempre desligadas. Meu desafio maior era fazer com que os alunos fossem a aula, uma vez que muitos desse alunos não possuíam dispositivo para entrar em sala, os dispositivos móveis das famílias muitas vezes eram compartilhados com irmãos e com os pais, o que dificultava o acesso às aulas, mas aos pouco elas iam acontecendo e, como eu disse, não havia problemas com as aulas práticas.

No 405 sul tivemos a oportunidade de pensar maneiras para exercer as atividades práticas em teatro em meio ao caos que estávamos vivendo. Certo dia, fizemos uma atividade que foi adaptada para o ensino remoto: os estudantes deveriam pegar um objeto aleatório e a partir disso, um aluno começava a contar uma história sobre aquele objeto, quando falado a palavra Stop, o aluno que estivesse no quadradinho ao lado deveria dar continuidade a história acrescentando o seu objeto e assim por diante. Seguimos com esse exercício até que todos tivessem participado. No fim; sempre comentávamos sobre como foi fazer a atividades e as respostas eram sempre as melhores possíveis, dava gosto trabalhar nesse ambiente apesar das adversidades.

O trabalho docente no 405 Sul era orientado pelo preceptor Joselito Sampaio⁸ que nos permitiu trabalhar com a *Pedagogia do Pertencer*, pedagogia essa desenvolvida pelo mesmo e que fazia com que os alunos, a partir de suas próprias trajetórias, se sentissem parte pertencente do processo de ensino aprendizagem:

⁸ Professor Adjunto da Secretária de Educação do Distrito Federal.

A trajetória ganha, no campo educacional, um entendimento de que o que pertence ao estudante enquanto contendor de suas próprias redes prévias de saberes se faz em coisa valiosa para o início da identificação de um projeto de pesquisa em artes cênicas. E que a possível proposta epistemológica da Pedagogia do Pertencer, em sua noção primária, poderá ajudar o estudante no desenvolvimento da percepção de que pertence ao seu próprio saber e que isso traz benefícios para si. (SAMPAIO,2020.p. 20)

Poder trabalhar sob a perspectiva da *Pedagogia do Pertencer* no Centro Educacional 405 Sul mostrou-me que havia coerência naquilo que eu tentava fazer na **escola x**, pois juntamente com os alunos do 405, construímos o processo de aprendizagem que todos nós queríamos ter e assim nos sentíamos pertencentes àquele espaço. Não era mais uma sala de aula, era a nossa sala de aula, onde as nossas opiniões serviam como guias para o bom desenvolvimento do ensino e de nós mesmos. E talvez, essa bússola fosse o que faltava na **escola x**, mas como já dizia Brecht, a coisas que são “difíceis de explicar, embora tão comum; difíceis de entender, embora seja a regra”.

3.3 A arte salva?

Segundo Jorge Larrosa Bondía, “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (2002.p. 21). Se a experiência é tudo que nos passa, nos acontece e nos toca, contarei agora sobre uma experiência que me passou, me tocou, me marcou e me mudou, para sempre. Voltemos a **escola x**.

O dia estava nublado e antes mesmo que o sol aparecesse e o café estivesse pronto eu já estava a caminho da **escola x**, apesar do dia nublado, tudo estava exatamente igual. Cheguei na escola por volta das 6:40 da manhã, já que as 7:00 horas eu já deveria estar em sala de aula. Passei por entre os corredores escuros que davam acesso à sala onde eu ficava e antes mesmo de chegar, meu caminho foi interrompido por uma voz que dizia assim: “se prepare, porque hoje na sua sala vai ser uma choradeira só!”. Assustada, não compreendi muito bem do que se tratava e com quem essa voz estava falando. Em seguida, ouvi a voz novamente: “Ei, Ana? Escutou o que eu falei? ”. Nesse instante percebi que era comigo que aquela voz que atravessou o caminho falava, então gentilmente respondi: “Porque? Alguém foi embora?” Agora, mesmo sem saber do que se tratava, desejei mil vezes que a minha caminhada não tivesse sido interrompida por aquela voz, mas mesmo assim ouvi alguém dizer: “ Foi sim, para o céu ou para o inferno.

” Antes mesmo que eu digerisse aquelas duras palavras ouvi mais uma vez a voz dizer, “mas a aula é normal, por favor não toque no assunto”.

Agora eu te pergunto, como não tocar no assunto? Essa experiência realmente me tocou, mas em lugares que eu nem sabia que existia, tentei continuar meu trabalho, mas não tinha o sangue frio dos “profissionais” da **escola x**, meu sangue era um sangue de amiga, dessas que fica triste quando um amigo está triste e a essa altura eu tinha 32 alunos -amigos que estavam tristes por não poder ver mais 1 aluna-amiga. Cheguei em casa e chorei como se fosse uma nascente de rio, pois ninguém havia me avisado que no exercício da docência os corpos sofriam dores inimagináveis e difíceis de serem curadas. Durante toda minha história, aprendi a lidar com a vida, não com a morte. E ter que aprender a lidar com a morte quando uma de suas alunas tira sua própria vida, me fez reconhecer, que eu não sabia lidar com a morte tão pouco com a vida. Depois disso me perguntei, “se arte salva, ela salva quem?”. E me culpei por muitos dias; não conseguia compreender o porquê de não ter feito mais, de não ter olhado mais, de não perceber os sinais e principalmente do porquê da minha arte não ter salvado, afinal a arte não é terapia, mas é terapêutica, não é mesmo?

Culpei-me pelas vezes que deixei o meu lado sensível para exercer ordens de pessoas que em algum momento perderam a sensibilidade e senti por alguns momentos, que algo em mim perdia a vida também. Fayga Ostrower (2002), diz que o homem é um ser consciente- sensível- cultural e que a sensibilidade é inata ao homem, ou seja, ninguém escapa dela:

Como processos intuitivos, os processos de criação interligam-se intimamente com nosso ser sensível. Mesmo no âmbito conceitual ou intelectual, a criação se articula principalmente através da sensibilidade. Inata ou até mesmo inerente à constituição do homem, a sensibilidade não é peculiar somente a artistas ou alguns poucos privilegiados. Em si, ela é patrimônio de todos os seres humanos. Ainda que em diferentes graus ou talvez em áreas sensíveis diferentes, todo ser humano que nasce, nasce com um potencial de sensibilidade. (2002. p.12)

A partir disso, comecei a pensar em maneiras de formar sujeitos mais sensíveis e isso precisava se dar por meio da educação, uma vez que a mesma tem como uma das suas finalidades o desenvolvimento pleno do sujeito e como podemos ver, não existe sujeito pleno sem o ser sensível. Pensar a sensibilidade por meio da educação era algo muito abrangente para que apenas uma pessoa colocasse em prática, então restringi este

pensar para o meu fazer artístico, afinal, foi por meio dele que cheguei até aqui, então entendi que depois dessa experiência que me transpassou e me mudou, o meu trabalho como docente das Artes Cênicas seria um trabalho **afeto-pedagógico**.

Em seu livro *a Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários Para Prática Educativa*, Paulo Freire diz que “a educação é uma forma de intervenção no mundo”, em seguida ressalta que essa intervenção pode servir tanto para a “reprodução de ideologia dominante quanto para o seu desmascaramento” (1996.p.51), ao ler estas palavras entendi que a Arte também era uma forma de intervenção no mundo e foi por meio disso que busquei analisar o ensino da arte como uma intervenção.

Intervenção diz respeito ao ato de intervir, então ao pensar nas Artes Cênicas como uma intervenção afeto-pedagógica e de desenvolvimento crítico-social, pensei sobre o ensino dessa disciplina, como uma forma de intervir afetuosamente e pedagogicamente no desenvolvimento crítico-social de diferentes sujeitos, com o intuito de servi como uma ferramenta de auxílio na construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

Levando em consideração as experiências que tive na **escola x** e no 405 Sul, pude entender que a disciplina de Artes Cênicas possui potencial de ser muito mais que apenas uma disciplina, ela pode (e deve) ser aquilo que denominei de **disciplina afeto-pedagógica**, já que essa disciplina possibilita o desenvolvimento das afeições⁹, aquilo que há de sensível no ser. Sérgio Antônio da Silva Leite professor na área de Psicologia diz que “entender que o homem é um ser cindido entre razão e emoção é assumir que o homem é um ser que ora pensa, ora sente, não havendo vínculos ou relações determinantes entre essas duas dimensões” (DA SILVA LEITE,2012.p.355).

Se o homens e mulheres ora pensam, ora sentem, o trabalho do docente precisa estar alinhado a esses dois polos para que assim possa ser desenvolvido o pensamento e o sentimento, que não se dissociam. Nesse sentido, o ensino das Artes Cênicas como uma **disciplina afeto- pedagógica** é “marcada na dimensão afetiva, uma vez que produzem impactos subjetivosno sujeito” (DA SILVA LEITE, 2012.p.355).

Segundo Vigotsky, as emoções são “reação reflexa de certos estímulos que são mediados a partir do meio sociocultural. As emoções influenciam e diversificam o

⁹ Disposição do corpo e da alma associado aos sentimentos.

comportamento” (EMILIANO, 2015.p.64). Sendo assim, podemos utilizar o ensino das Artes Cênicas (que provocam impactos subjetivos no sujeito) como um possível estímulo para o desenvolvimento de emoções que mudam comportamentos, visto que, se percebida a potencialidade desse ensino, poderemos enquanto docentes exercer o nosso trabalho de forma mais afetuosa, pois como diz Vigotsky “o professor deve preocupar-se em relacionar o novo conhecimento com a emoção, caso contrário o saber torna-se morto” (EMILIANO, 2015.p.65).

A professora e pesquisadora Marina Marcondes Machados, em uma de suas pesquisas propõe uma *Abordagem em Espiral* como resposta a *Abordagem Triangular*¹⁰ de Ana Mei Barbosa e como um novo modo de pensar o ensino das Artes, nessa abordagem ela tenta integrar as linguagens artísticas rompendo com as linearidades:

De maneira brincante, sugiro imaginarmos uma “Abordagem em Espiral” em resposta à triangular: cultivar um modo de exercer o ensino da Arte, em especial a arte contemporânea, enraizado nas formas híbridas; trabalhar com a integração das linguagens artísticas, miscigenações, misturas e descontornos que permitam a performance, os happenings, imersões, ambientações, acontecimentos concomitantes, experiências artísticas e existenciais; bagunçar um pouco a linearidade das especificidades das quatro linguagens, que, se trabalhadas de modo integrado, podem tornar-se uma só. (MACHADO, 2012. p.8)

Essa abordagem sugere que para trabalhar com educação de forma plena é preciso que repensemos sobre a necessidade de um currículo novo, diferente e que leve em consideração as opiniões e as experiências do aluno, pois “o mundo vivido pode ser um imenso ateliê de aprendizados: experiência, criação, novidade, expressividade, vida” (MACHADO, 2012.p.9). Para além disso, ela sugere que pensemos o ensino das Artes Cênicas (teatro, dança, visuais e música) como o ensino das “teatralidades; corporalidades; espacialidades e musicalidades. Quatro palavras-chaves e no plural, como eixos, âmbitos que geram modos de ser e de estar: ser teatral; ser um corpo total; ser móvel, polimorfo, modelável: plástico; ser musical” (MACHADO,2012. p.14).

Como Marina menciona em sua *Abordagem em Espiral*, também acredito na necessidade de se pensar um novo currículo - não somente em Artes Cênicas, mas que abranja todos os outros campos da educação- que vise o pleno desenvolvimento do sujeito e assim como ela, acredito no ensino das Artes Cênicas como um processo de ensino aprendido que “geram modos de ser e de estar”, mas para além disso acredito que não

¹⁰ Consiste em três abordagens para se construir conhecimentos em arte: Contextualização, Fazer Artístico e Apreciação Artística.

se trata apenas de 4 eixos e sim 5, pois de nada adianta existir um ser teatral, um ser corpo total, um ser modelável e um ser musical sem antes existir um ser sensível.

Considerações Finais

Em 2020 me deparei pela primeira vez com um período pandêmico, a surpresa de vivenciar esse momento inabitual, mexeu bastante comigo, pois tudo que era real passou a ser incerto. Não sabia como seria os próximos dias, tão pouco como se daria minha formação, mas apesar de todas as incertezas instauradas em nossa sociedade por conta da pandemia do Coronavírus, foi nesse período que me vi frente a frente a mim mesma e a partir dessa afronta que conseguir pensar na necessidade de um trabalho docente mais afetuoso.

A pandemia do covid-19 foi um grande exemplo de intervenção artística, uma vez que a arte evidenciou nesse período suas múltiplas facetas e serviu como uma válvula de escape dos tempos incertos. Se basta apenas um problema econômico para se questionar sobre a importância da educação e da arte, me atrevo a dizer que basta apenas uma catástrofe “natural” para reafirmar a importância das mesmas.

Foi no decorrer da pandemia que pude exercer meu trabalho como ArteEducadora. Por se tratar de um momento atípico e nunca vivido por mim e por muitos antes, tivemos que repensar formas de ensino e foi a partir disso que consegui propor um novo olhar sobre as disciplinas, um olhar afeto-pedagógico. Foi nesse período também que pude perceber que era necessário criar uma nova maneira de constituir as nossas relações e que isso estava inteiramente associado como o nosso ser sensível.

Pensar o ensino das Artes Cênicas como uma disciplina afeto-pedagógica é direcionar um olhar para o lado sensível e humano dos sujeitos, entender que assim como somos formados pela razão, também somos formados pela emoção pois, existe o corpo e o espírito, o físico e o psíquico e, para formamos sujeitos completos, é necessário trabalhar esses dois eixos em conjuntos.

A ideia do ensino das Artes Cênicas como uma intervenção é para afirmar a necessidade de intervir no ambiente escolar de uma forma afetuosa. Essa intervenção diz respeito a algo que precisa ser feito no agora. É necessário apurar os nossos olhares, dar

uma atenção maior para aos nossos alunos, para que assim possamos formar sujeitos construtores de uma sociedade mais humana.

Ainda existe em mim questões que não foram sanadas, como por exemplo, como é possível que um ser essencialmente sensível consiga perder a sensibilidade? Como docentes formados para o exercício da docência se desvinculam do seu lado humano? Como é possível exercer de forma prática a intervenção afeto-pedagógica?

Sinto que as respostas para essas questões serão elaboradas em experiências futuras, mas concluo que o ensino das Artes Cênicas como uma intervenção afeto-pedagógica e de desenvolvimento crítico social tem o interesse de formar seres preparados para terem iniciativas (afetuosas), seres livres e praticantes de uma vida social, onde é possível olhar e reconhecer, a si e ao outro, pois é entre olhares que a arte acontece.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARQUINO, Vânia; JÚNIOR, Juarez Moreira da Silva. **Criatividade e Escrita**. Revista de Letras. 2012.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado **Federal**: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: volume 6 – Arte**. Brasília, 1997. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>> Acesso em: 13/03/2022

BARROCO, Sonia Mari Shima e TULESKI, Silvana Calvo. **Vigotski: o homem cultural e seus processos criativos**. Psicol. educ. [online]. 2007, n.24, pp. 15-33. ISSN 1414-6975.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 19.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BOAL, Augusto. **O Teatro do Oprimido e outras Políticas Poéticas**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2013.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. **Revista brasileira de educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

CATELAN, Fernando Bueno. **Teatro Político: Uma reflexão sobre ‘apolítica’**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Mestrando do programa de Pós-Graduação PROF-ARTES do Instituto de Artes – UNESP; Orientadora Carminda Mendes André. Bolsa CAPES.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CORDEIRO, Karolina Maria de Araújo. **O Impacto da Pandemia na Educação: A Utilização da Tecnologia como Ferramenta de Ensino**. 2020.

DAYRELL, J. **A escola como espaço sociocultural**. In: DAYRELL, J. (Org.). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

EGG, R. F. (2009). **História da Ética**. Obtido em 26 de setembro de 2017, de Videolivrraria: <http://www2.videolivrraria.com.br/pdfs/11675.pdf>

EMILIANO, Joyce Monteiro. **Vigotski: a relação entre afetividade, desenvolvimento e aprendizagem e suas implicações na prática docente**. 2015.

ESTÉS, Clarissa Pinkola; **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. 1994. Tradução: Waldéa Barcellos. – 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

FERREIRA, S. C. (2020). **APARTHEID DIGITAL EM TEMPOS DE EDUCAÇÃO REMOTA: ATUALIZAÇÕES DO RACISMO BRASILEIRO**. *EDUCAÇÃO*, 10(1), 11–24. <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v10n1p11-24>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

GADOTTI, Moacir **A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar**. 1. ed. – São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

MACHADO, Marina Marcondes. **Fazer surgir antiestruturas: abordagem em espiral para pensar um currículo em arte**. *Revista e-curriculum*, v. 8, n. 1, p. 1-21, 2012.

NEVES-PEREIRA, Mônica Souza. **Onde está a criatividade**. Academia.edu 1998.
OLIVEIRA, Marta Kohl de; SOUZA, Denise Trento Rebello de; REGO, Teresa Cristina. **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea**. [S.l.: s.n.], 2002.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processo de criação**. Petrópolis: Vozes. 2002. – 16º edição.

PESSOA, C. T. **Psicologia Educacional e Escolar: inspirando ideias para a Formação Continuada de Educadores por meio da Arte**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2014, pp. 52-60.

RANCIÈRE, Jacques. **Nas margens do político**. Lisboa: KKYM, 2014.

SAMPAIO, J. **Pedagogia do pertencer: práticas educativas em diálogo com a Etnocologia numa proposta pedagógica em artes cênicas para o EJA.** Dissertação (mestrado em artes cênicas) – Instituto das Artes – IDA, Universidade de Brasília. Distrito Federal, p. 181. 2020.

DA SILVA LEITE, Sérgio Antônio. **Afetividade nas práticas pedagógicas. Temas em psicologia**, v. 20, n. 2, p. 355-368, 2012.

VALQUARESMA, Andreia; COIMBRA, Joaquim Luís. **Criatividade e educação: a educação artística como o caminho do futuro?** 2013. Educação, Sociedade e Cultura, 131- 146.

ELETRÔNICOS:

SÍNTESE de Indicadores Sociais: em 2019, proporção de pobres cai para 24,7% e extrema pobreza se mantém em 6,5% da população. **Agência IBGE Notícias**, 2022. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29431-sintese-de-indicadores-sociais-em-2019-proporcao-de-pobres-cai-para-24-7-e-extrema-pobreza-se-mantem-em-6-5-da-populacao/>>. Acesso em: 06 de Abril de 2022.

SÍNTESE de Indicadores Sociais: em 2020, sem programas sociais, 32,1% da população do país estariam em situação de pobreza. **Agência IBGE Notícias**, 2022. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/32418-sintese-de-indicadores-sociais-em-2020-sem-programas-sociais-32-1-da-populacao-do-pais-estariam-em-situacao-de-pobreza/>>. Acesso em: 06 de Abril de 2022.

GOMES, Irene. Mesmo com benefícios emergenciais, 1 em cada 4 brasileiros vivia em situação de pobreza em 2020. **Agência IBGE Notícias**, 2022. Disponível em:<<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/32420-mesmo-com-beneficios-emergenciais-1-em-cada-4-brasileiros-vivia-em-situacao-de-pobreza-em-2020/>>. Acesso em: 06 de Abril de 2022.

APÊNDICE A – TRABALHO DA DISCIPLINA DE METODOLOGIA ENSINO DO TEATRO 1 (SLAM)

Me perguntaram o que eu pensava sobre
o ensino do “teatro” na educação formal
Tô me questionando até agora, pois acho que
Não entendi muito bem o manual
Talvez por que o teatro seja, essencial, primordial,
Sensacional, irracional, original
Sobrenatural? Original, multidimensional,
Sentimental, educacional, sociocultural
Plural, ideal, real e dentre tantas outras coisas fundamental

Peguei papel e caneta para tentar descrever, ou melhor, entender
O que iria falar da arte que eu escolhi para viver?
Pensei, pensei e não encontrei então esperei, demorei
Quis usar as palavras mais bonitas que nessa vida já escutei
Quis escrever igual os intelectuais que aparecem na revista época
Para Ana faz um favor de sair dessa estética

Se querem me ouvir terá que ser assim
Minhas palavras, minhas vivências
Porque até aqui aprendi que Teatro é resistência
Talvez não gere tanto capital igual às outras ciências
Em contrapartida ele ensina e ajuda a pessoas ter consciência
É capaz de tirar muitos jovens da violência
E faz muito indivíduo remar contra o sistema

Desenvolve a criatividade, trabalha com a sensibilidade
Ensina o que é responsabilidade
Para quem sabe um dia...
A sociedade achar a tal da felicidade

Se engana quem pensar que Teatro é só andar pelo espaço
É pegar o mundo e enfiar de baixo do braço é fazer laços
Ser ou não ser, eis a questão?
Se liga que isso aqui é fruto da improvisação

O Teatro te liberta te ergue ensina a viver
Dentro ou fora do palco é preciso sobreviver
Um tapete era o que Peter Brook precisava para criar
Será que ele vai se “orgulhar”
Se eu falar que tenho uma sala inteira para ensinar
Imaginar, compartilhar e nunca parar de sonhar

Pois em qualquer lugar
Existe a exceção e a regra
Sou filha criada e gerada nessa terra
É preciso se jogar no vazio
O Teatro na educação formal
É um grande desafio

A arte é uma arma carregada de... Esperança
E para aprender é só não perder o espírito de criança
Ferreira Gullar fala que a arte só existe porque a vida não basta
É por isso que a gente não economiza e gasta

É preciso ter coragem antes que seja tarde
E para acabar deixa eu falar, pode anotar
Se a arte salva ela tem quem salvar

UFFA! ANTES ARTES DO QUE NUNCA

